

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**A INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE NO BRASIL:
UM DIAGNÓSTICO SETORIAL NO CONTEXTO DO PLANO
REAL E DA CRISE FINANCEIRA ASIÁTICA**

RAFAEL BERGMAN

No. de Matrícula: 9514257-6

Orientador: Prof. José Henrique Tinoco

Dezembro de 1998

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**A INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE NO BRASIL:
UM DIAGNÓSTICO SETORIAL NO CONTEXTO DO PLANO
REAL E DA CRISE FINANCEIRA ASIÁTICA**

RAFAEL BERGMAN

No. de Matrícula: 9514257-6

Orientador: Prof. José Henrique Tinoco

Dezembro de 1998

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.”



“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.”

“Dedico este trabalho a meus pais, que sempre tiveram a educação, a cultura e os estudos como prioridades na formação de seus filhos. Agradeço também a Martha Gribel pela compreensão de meu comprometimento com a realização desta monografia.”

ÍNDICE

ÍNDICE	4
ÍNDICE DE TABELAS	5
I) INTRODUÇÃO:	6
II) OVERVIEW DO SETOR - PANORAMA MUNDIAL:	8
II.1) PAPEL	8
II.2) CELULOSE DE MERCADO.....	9
III) OVERVIEW DO SETOR - PANORAMA NACIONAL:	11
IV) HISTÓRICO E PANORAMA DAS PRINCIPAIS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE:	14
IV.1) ARACRUZ CELULOSE S.A.	17
IV.2) CENIBRA - CELULOSE NIPO-BRASILEIRA S.A.	19
IV.3) GRUPO KLABIN.....	20
IV.4) GRUPO SUZANO (NEMOFEFFER)	22
IV.4.1) CIA. SUZANO DE PAPEL E CELULOSE.....	24
IV.4.2) BAHIA SUL CELULOSE.....	25
IV.4.3) IGARÁS PAPÉIS E EMBALAGENS S.A.	25
IV.5) GRUPO VOTORANTIM	26
IV.6) GRUPO RIPASA	28
IV.7) CHAMPION PAPEL E CELULOSE	29
IV.9) SANTHER.....	31
V) COMÉRCIO EXTERIOR:	33
VI) RECICLAGEM:	36
VII) AS CONSEQUÊNCIAS DO PLANO REAL NO SETOR:	37
VII.1) CONSUMO DE CELULOSE:.....	38
VII.2) CONSUMO DE PAPEL:.....	39
VIII) A CONJUNTURA DO SETOR NO BRASIL:	41
VIII.1) CELULOSE DE MERCADO:	42
VIII.2) PAPÉIS PARA IMPRIMIR E ESCREVER:.....	42
VIII.3) PAPEL IMPRENSA:	43
VIII.4) PAPÉIS PARA EMBALAGEM:.....	43
VIII.5) PAPÉIS SANITÁRIOS:.....	43
VIII.6) PAPÉIS ESPECIAIS:	44
IX) O REFLEXO DA CRISE ASIÁTICA:	47
IX.1) O SETOR DE PAPEL E CELULOSE NOS PAÍSES DO SUDESTE ASIÁTICO	48
IX.2) O IMPACTO IMEDIATO DA CRISE NA REGIÃO:.....	49
IX.3) AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CELULOSE E PAPEL PARA O SUDESTE ASIÁTICO:.....	51
IX.4) AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CELULOSE E PAPEL APÓS A CRISE:.....	52
X) CONCLUSÃO:	54
XI) APÊNDICE - TABELAS:	56
XII) BIBLIOGRAFIA:	58

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Brasil: Destino da Produção de Celulose.....	38
TABELA 2 – Brasil: Consumo Aparente de Papel.....	40
TABELA 3 – Celulose e Papel: Países do Sudeste Asiático – 1996.....	49
TABELA 4 – Brasil: Exportações para o Sudeste Asiático – 1996.....	52
TABELA 5 – Produção Brasileira de Papel.....	56
TABELA 6 – Produção Brasileira de Celulose.....	56
TABELA 7 – Produção de Celulose, por tipos.....	57
TABELA 8 – Exportações de Papel, por tipos.....	57
TABELA 9 – Importações de Papel.....	57

I) INTRODUÇÃO:

O segmento de papel e celulose responde por cerca de 1% do PIB brasileiro. Seu superávit comercial, da ordem de US\$ 900 milhões em 1997, representa aproximadamente 10% do saldo comercial do país, tendo portanto, uma influência positiva sobre as contas externas.

O setor, que vem passando por uma intensa reestruturação ao longo dos últimos anos, sofre influência direta das flutuações internacionais de preços, uma vez que celulose e papel são considerados *commodities* no mercado mundial. Nesse sentido, o movimento das maiores empresas do setor aponta para uma maior diferenciação de seus produtos, através da obtenção de certificados internacionais de qualidade e da criação de novos produtos, sobretudo no segmento de papéis.

Com o aumento da renda disponível fomentado pelo Plano Real, o consumo *per capita* de papel sofreu um significativo aumento, e a abertura da economia possibilitou uma maior colocação dos produtos brasileiros no mercado internacional, bem como uma maior concorrência no mercado doméstico.

No entanto a crise financeira iniciada em 1997 no Sudeste Asiático vem provocando uma série de incertezas e preocupações, já que a região é responsável por 29% e 20% do consumo de papel e celulose produzidos no mundo, respectivamente.

Para um melhor diagnóstico da situação do setor, o presente trabalho tem início com um panorama mundial da indústria de papel e celulose, identificando os principais países que participam desse mercado. Em seguida, um panorama nacional e um diagnóstico das principais empresas possibilitam posicionar o Brasil perante o mercado mundial desse segmento, bem como destacar as estratégias adotadas por essas empresas nos últimos anos.

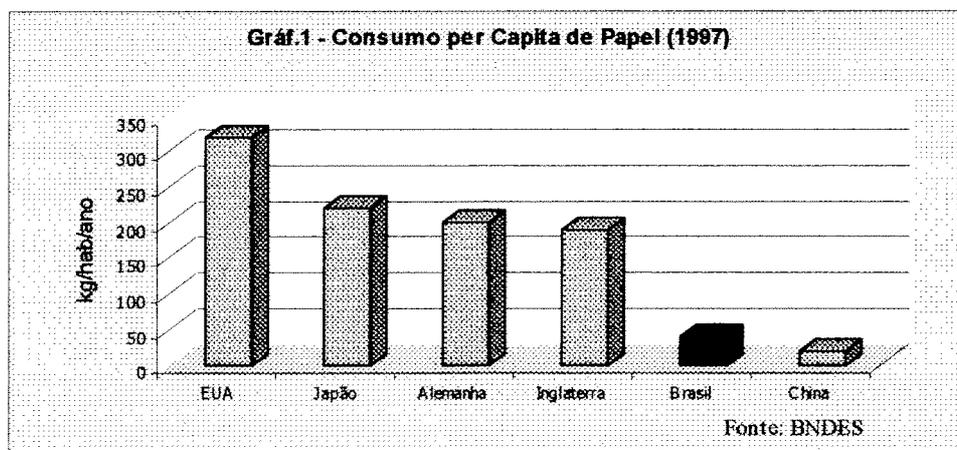
Além disso, o trabalho faz uma análise da influência do Plano Real e dos impactos imediatos da crise financeira ocorrida no Sudeste Asiático em 1997 e 1998.

II) OVERVIEW DO SETOR - PANORAMA MUNDIAL:

II.1) PAPEL

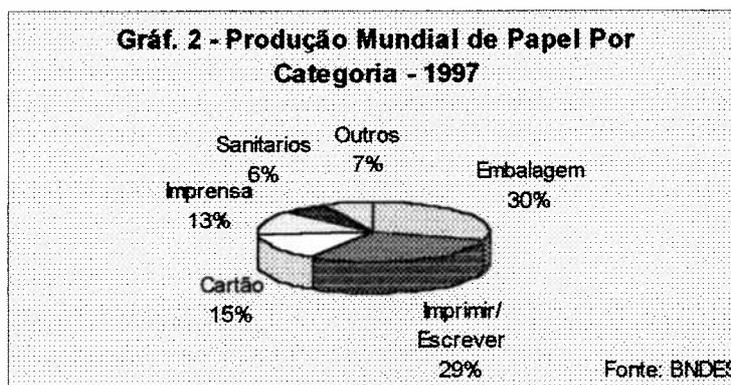
Os maiores produtores de papel são os Estados Unidos, Japão e Canadá, os quais respondem por aproximadamente 47% da produção mundial. Os maiores consumidores são os E.U.A., Japão e Alemanha, que consomem cerca de metade da produção mundial de papel.

O Brasil se situa como 12º produtor e consumidor mundial. É importante lembrar, no entanto, que o consumo per capita brasileiro, de 38,6 kg/habitante/ano é relativamente baixo, se comparado a países desenvolvidos.



Tanto a produção quanto o consumo de papel vêm crescendo há mais de quinze anos. Na década de 80, verificou-se uma taxa média de crescimento da demanda mundial de 3,6% a.a., enquanto que o período entre 1990 e 1995 apresentou uma média de 3,3% a.a.. Em 1995, a produção de papel alcançou 281 milhões de toneladas.

Dentre as categorias de papel, o tipo imprimir e escrever é o que vem apresentando as maiores taxas de crescimento, devido ao uso cada vez mais



intensivo de propaganda (mala direta), além das tecnologias desenvolvidas para escritórios (fax, copiadoras, impressoras etc.) e o barateamento da impressão, permitindo uma maior diversidade de títulos de revistas e periódicos.

II.2) CELULOSE DE MERCADO

Os principais países consumidores são EUA, Alemanha, Japão, França e Itália que, juntos, respondem por mais de 50% da demanda de celulose sulfato branqueada. Deve-se destacar o bom crescimento da fibra de eucalipto nesses mercados.

A exportação de celulose sulfato branqueada é liderada pelo Canadá, seguido dos EUA, Suécia, Brasil, Finlândia e Chile, sendo que o Brasil ocupa o 7º lugar entre os maiores produtores mundiais. Para o tipo fibra curta, o Brasil é o 2º maior exportador e o primeiro no caso do eucalipto, detendo 45% das vendas desta fibra. O comércio mundial de celulose atingiu cerca de 28 milhões de toneladas em 1995, movimentando US\$ 25 bilhões, resultado do aumento de preços ocorrido a partir de 1994.

A produção de celulose de mercado alcançou cerca de 30 milhões de toneladas em 1995, sendo de 55% e 45%, respectivamente, a distribuição entre as fibras longas e curtas. Durante a década de 80, a celulose de fibra longa mostrou-se preponderante sendo até hoje a referência para o estabelecimento dos preços dos demais tipos (em 1980 a produção de fibra longa correspondia a 63% do total produzido).

O expressivo aumento da participação da celulose de fibra curta de eucalipto, introduzida no mercado a partir do final da década de 70 pelos países então chamados de não tradicionais produtores (Brasil, Portugal e Espanha), reverteu esse quadro, deslocando a fibra longa em sua trajetória de crescimento. Recentemente, o ingresso de países asiáticos neste mercado, em particular da Indonésia, tem contribuído para elevar ainda mais a oferta de fibra curta.

III) OVERVIEW DO SETOR - PANORAMA NACIONAL:

O setor de papel e celulose no Brasil é composto por 220 empresas que operam 255 unidades industriais, localizadas em 16 estados brasileiros. Essas empresas proporcionaram, em 1997, 67 mil empregos em suas atividades industriais e 35 mil nas florestais, somando um total de 102 mil empregos diretos. Utilizando exclusivamente madeiras provenientes de florestas plantadas o setor conta, atualmente, com 1.4 milhão de hectares de reflorestamentos próprios, principalmente eucalipto (62%) e pinus (36%).

O Brasil é o 7º e 12º colocado entre os maiores produtores mundiais de celulose e de papel. No período de 1986 a 1997, a taxa de crescimento médio anual da produção de papel foi de 2,6% e a de celulose 4,7%.

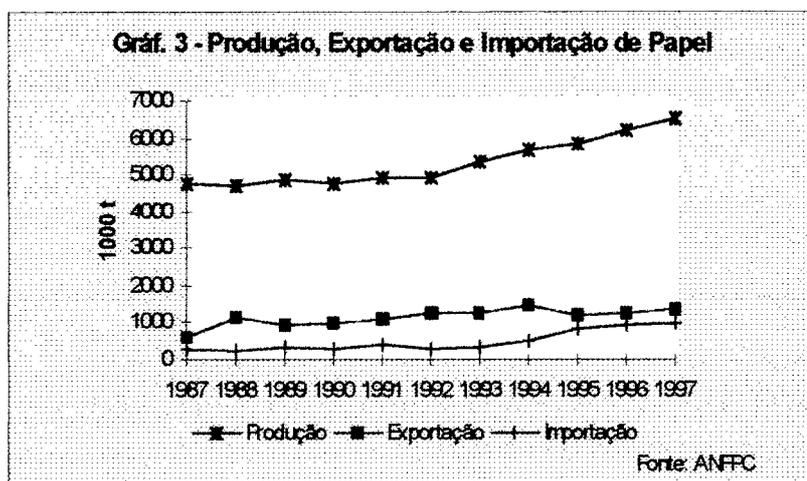
A capacidade instalada do setor situa-se em 7,1 milhões de toneladas de papel e 7 milhões de toneladas de celulose. O nível de utilização, em 1997, foi de 86% e 92%, respectivamente, para papel e celulose.

A produção brasileira de papel foi de 6,5 milhões de toneladas em 1997 (5% maior que em 1996) e a produção de celulose foi de 6,3 milhões (2% maior que em 1996). O faturamento do setor em 1996 foi estimado no equivalente a US\$ 7,1 bilhões (1% do PIB), e gerou impostos diretos no valor de US\$ 700 milhões.

Do total da produção de papel, os papéis para embalagem contribuíram com 44%, e os papéis para imprimir/escrever com 31%. Quanto à celulose, 66% do total corresponde à celulose branqueada de eucalipto.

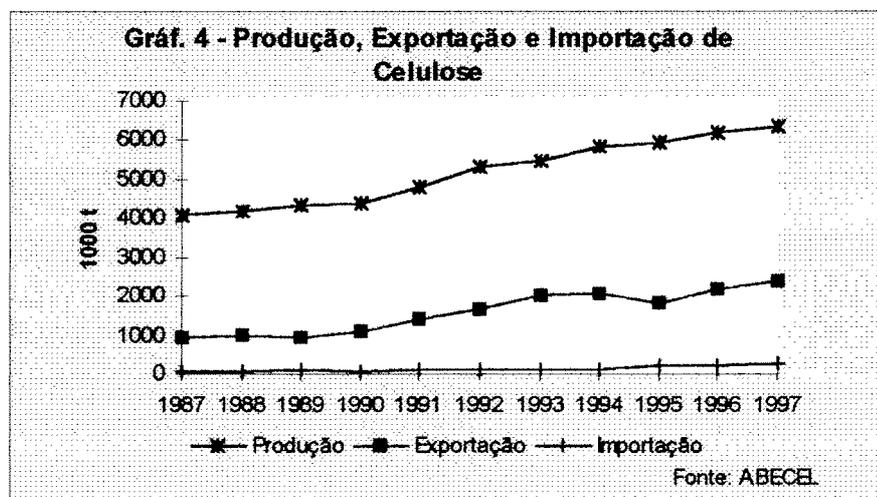
Merece

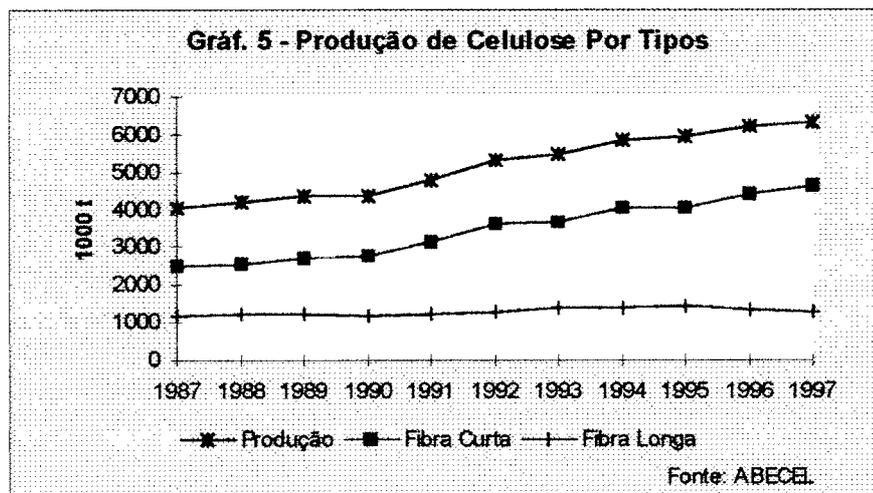
destaque o expressivo crescimento do consumo de papel no mercado interno, entre 1993 e 1995: o aumento do consumo



foi de 30%, contra 10% de elevação do volume produzido, ocasionando queda das exportações e aumento das importações.

A produção brasileira de celulose fibra curta é a que apresentou maior crescimento, sendo o tipo preponderantemente exportado pelo Brasil. O destino da fibra longa é o uso cativo na fabricação de papéis para embalagem, principalmente.

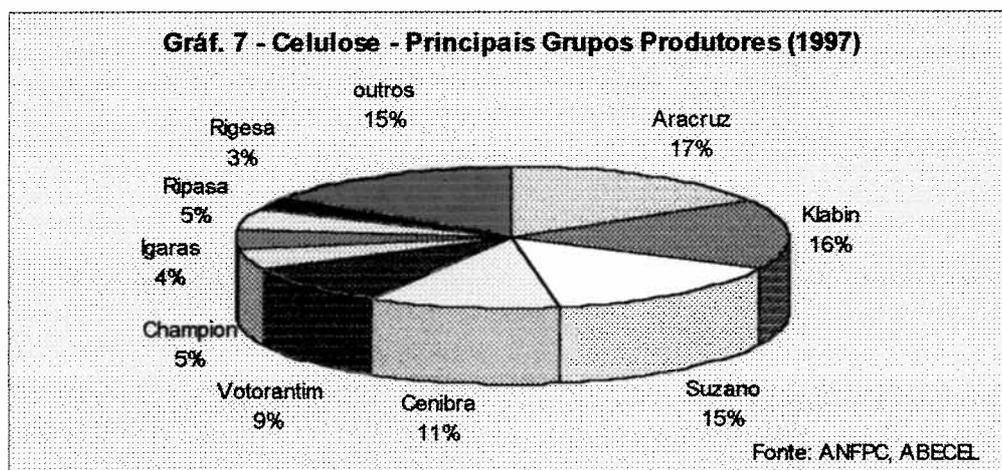
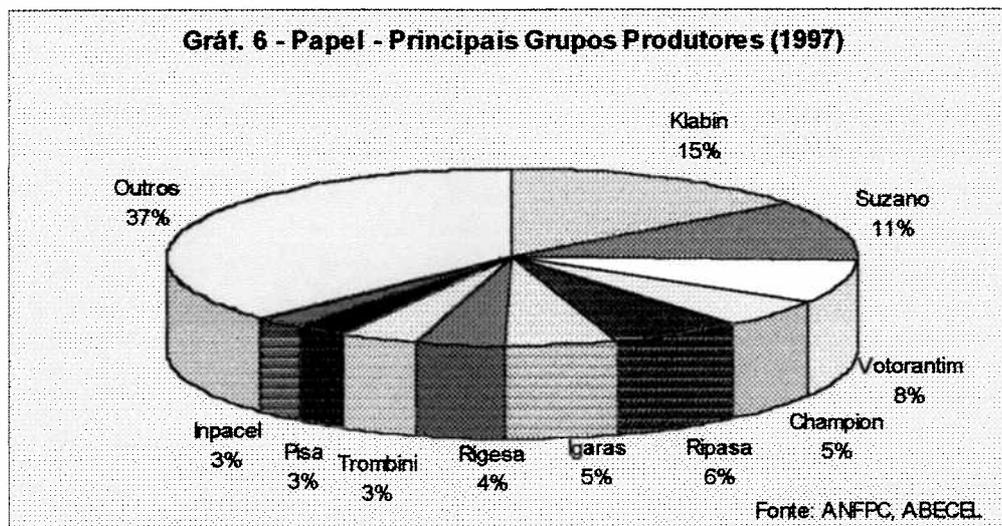




IV) HISTÓRICO E PANORAMA DAS PRINCIPAIS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE:

O número total de empresas de papel e celulose no Brasil, no final de 1997, era de 220, operando em 255 unidades industriais, com a produção de papel concentrada em grupo reduzido (77% da produção em 20 empresas). Apenas treze empresas respondem por 94% da produção brasileira de celulose.

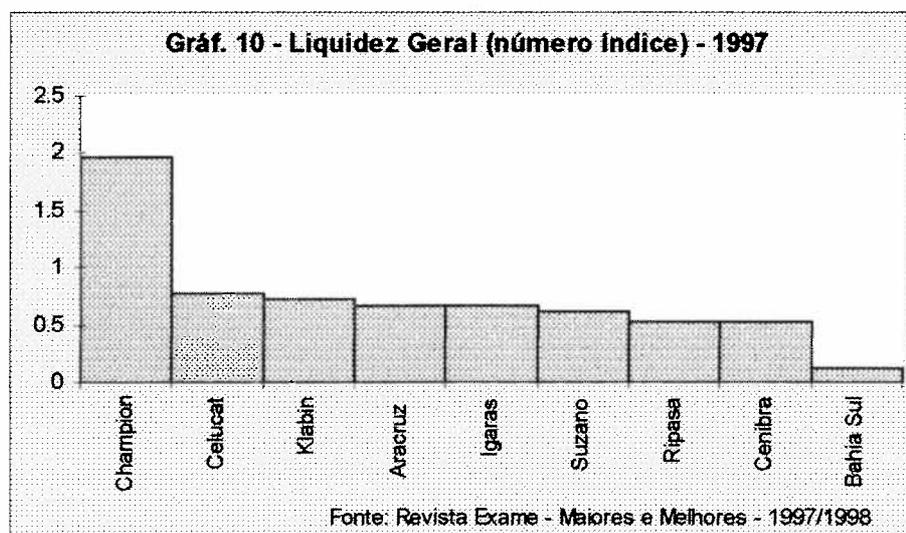
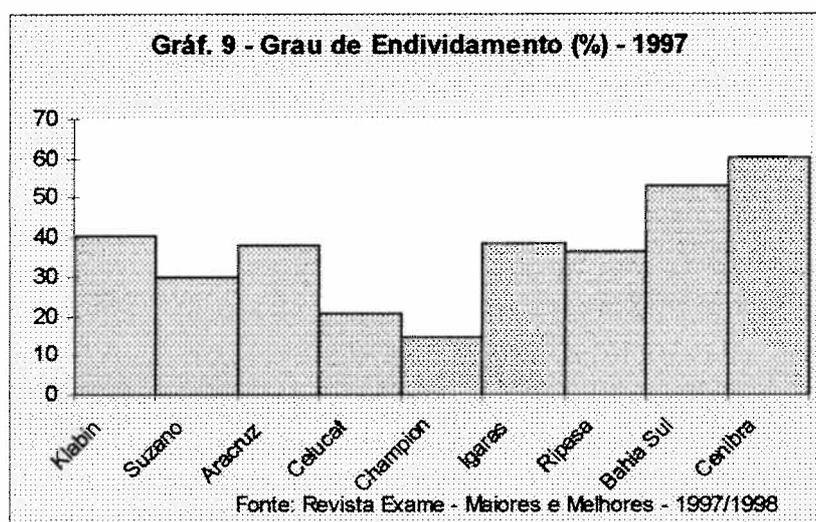
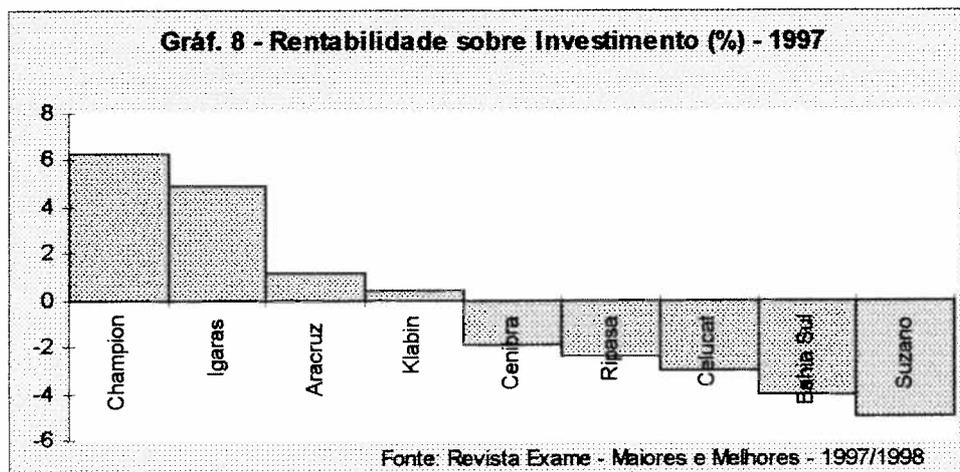
Todas as maiores empresas são verticalizadas desde a base florestal, sendo os grupos produtores nacionais altamente especializados em determinada fibra, com exceção apenas do Grupo Klabin, que atua em todos os principais segmentos de papel e em celulose de mercado, a exemplo do que ocorre com os grandes grupos mundiais.



As maiores empresas do setor se caracterizam por um grau de endividamento relativamente baixo (média de 35%), e por uma liquidez geral¹ insatisfatória (cerca de 0.75). Sua rentabilidade média², em 1997, foi de -0.4%, e reflete a crise que vem afetando o setor desde 1995. A seguir, os gráficos 8, 9 e 10 ilustram os principais indicadores financeiros do setor, em 1997.

¹ Reais realizáveis para cada real de dívida no curto prazo.

² A rentabilidade é calculada como lucro líquido ajustado sobre patrimônio líquido ajustado.



Abaixo tem-se uma melhor descrição dos maiores grupos do setor, com seu recente desempenho, suas estratégias de atuação, bem como o perfil de suas atividades nos mercados interno e externo:

IV.1) ARACRUZ CELULOSE S.A.

Maior empresa produtora, a nível mundial, de celulose branqueada de eucalipto, com produção em torno de 1 milhão de toneladas (cerca de 20% do mercado mundial do produto), a Aracruz contou, na sua origem, com maciço apoio do BNDES que, inclusive, detinha a maior parcela de seu capital social. Em 1988, o Banco Safra adquiriu, através de leilão em bolsa, cerca de 65% das ações ordinárias de propriedade do BNDES, passando a Aracruz, a partir de então, a contar com um controle compartilhado entre três acionistas: Grupos Lorentzen, Souza Cruz e Safra. O BNDES continua a deter cerca de 13% das ações ordinárias.

A Aracruz foi a precursora da moderna tecnologia florestal no Brasil, tendo nesta área um de seus pontos fortes. Estruturada, desde a sua concepção, para competição no mercado externo, contando com um alto grau de profissionalização de seu pessoal.

Devido à crise vivenciada entre 1990 e 1993, a Aracruz, em 1992, iniciou um processo de reestruturação administrativa. Foram iniciados, também, estudos para o aproveitamento da madeira de eucalipto para outras finalidades. Merece destaque, a partir de 1993, a fabricação de celulose branqueada sem o uso de produtos clorados (processo TCF - *totally chlorine free*), exigência surgida no mercado mundial nos últimos cinco anos.

Com o esgotamento das possibilidades de aumentos significativos de produção em seu atual *lay-out*, a tendência observada é de que a Aracruz cresça por aquisições de

outras empresas no Brasil e/ou no exterior. A empresa já demonstrou interesse na aquisição da Cenibra (que tem 51% de seu capital sob o controle da CVRD, recém – privatizada).

Outra tendência observada é a intenção de se investir na área de madeira sólida, possibilitando novos usos para suas florestas de eucalipto e certa diluição do risco do negócio celulose, que, entretanto, deverá continuar sendo seu ramo de atuação principal. Ainda com relação à sua política de controle de riscos, a Aracruz prima por sua administração financeira, minimizando riscos cambiais através de contratos de Swap (troca de rentabilidade). Ultimamente a companhia tem mudado seu perfil de investimentos, optando por aplicações em títulos da dívida norte-americana, menos sujeitos à intensas oscilações.

O faturamento líquido da Aracruz em 1994 alcançou o montante de US\$637 milhões, posicionando-a em 70º lugar entre os produtores mundiais do setor. Em 1995, com a recuperação dos preços da celulose, o faturamento elevou-se para US\$ 767 milhões, desfrutando a Empresa de uma excelente situação patrimonial. No entanto, as vendas da Aracruz se reduziram para US\$ 536 milhões em 1996 devido à queda do preço da celulose.

Em 1997, o aumento do preço da celulose³ não compensou a queda nas vendas, e o faturamento da Aracruz se reduziu para US\$ 464 milhões. Além disso, um fator agravante para o resultado da empresa foi o aumento de seus custos de produção⁴, o que corroborou para a queda de quase 30% de seu lucro líquido para US\$ 29 milhões.

³ O preço médio FOB (*free on board*) da celulose da Aracruz foi de US\$ 482 /ton, contra US\$ 469/ton em 1996.

⁴ O custo médio de produção em 1997 foi de US\$ 312/ton, contra US\$ 290/ton em 1996.

Suas vendas se direcionam para: América Latina (8%); Ásia (17%); América do Norte (36%); e Europa (39%). Ainda com relação ao seu comércio exterior, vale destacar que a Aracruz investiu recentemente US\$ 8 milhões na duplicação da capacidade do Portocel - uma associação entre a Aracruz e a Cenibra -, maior terminal portuário do Brasil especializado no manuseio e embarque de celulose, e de onde partem mais de 90% de sua exportação.

IV.2) CENIBRA - CELULOSE NIPO-BRASILEIRA S.A.

A Cenibra é uma *joint-venture* da CVRD e JBP - Japan Brazil Paper and Pulp, *holding* formada por 19 empresas japonesas. Constituída em 1973 e com início de produção em 1977, tem sua fábrica localizada em Belo Oriente, Minas Gerais. Seu faturamento líquido, em 1995, foi de US\$ 272 milhões, enquanto que em 1996 foi de US\$ 238 milhões. Em 1997, com o aumento de sua produção com a recuperação dos preços internacionais da celulose, seu faturamento aumentou em 25% para US\$ 300 milhões.

Desde sua concepção, no mínimo 50% da produção de celulose branqueada de eucalipto é destinada ao Japão, por força de acordo entre os acionistas (metade do capital é controlado pela JBP).

A estrutura acionária da Cenibra não tem permitido agilidade no processo de tomada de decisões, prejudicando o crescimento da empresa que, somente ao final de 1995, teve sua duplicação concluída, ou seja, quase quatro anos após a partida da fábrica da Bahia Sul (em março de 92), empresa com 45% de participação da CVRD no capital ordinário.

Com a duplicação, a Cenibra passou para uma capacidade nominal produtiva de 700 mil toneladas/ano, tornando-se uma das maiores empresas do mundo de celulose de mercado. A nova fábrica está capacitada para branqueamento da celulose pelo processo ECF (*elemental chlorine free*). A Empresa não optou pelo processo TCF, tendo em vista que o mercado asiático não impõe esta exigência.

Do total de suas vendas, atualmente 46% se destina ao Japão, 28% para a Europa e 12% para os Estados Unidos. Como o Brasil ocupa apenas 5% desse total, fica evidente o interesse da Cenibra no terminal Portocel (Espírito Santo), do qual detém 49% do controle junto à Aracruz.

A estratégia da Cenibra resume-se na concorrência por custo de produção e no abastecimento dos seus sócios japoneses. A privatização da CVRD poderá afetar essa estratégia dependendo dos interesses do Consórcio Brasil, liderado pela Companhia Siderúrgica Nacional. Na opinião de alguns analistas do setor, a médio prazo não deve haver mudanças significativas nesse aspecto.

IV.3) GRUPO KLABIN

É o maior grupo do setor de celulose e papel na América Latina e está entre os 100 maiores do mundo (52ª posição em 1996)⁵. Constitui-se de 24 empresas no País e três *tradings* no exterior. O controle acionário é detido pela Klabin Irmãos & Cia, com 59,5% do capital votante, contando, também, com 20% do Grupo Monteiro Aranha.

A principal estratégia do Grupo é a concentração de suas atividades no mercado interno de papel e celulose, detendo, na maioria dos produtos, liderança nos mercados em que atua. Adota o modelo de fabricante integrado e produz, além de caixas de

papelão ondulado e sacos, todos os tipos principais de papéis, bem como celulose de mercado para papel e para dissolução, esta última usada para fabricação do fio de viscose empregado na indústria têxtil .

O faturamento líquido do Grupo Klabin alcançou US\$ 1,0 bilhão em 1994, sendo praticamente 75% devido aos produtos: caixas de papelão ondulado (22%), papéis sanitários (21%), papéis de embalagem (19%) e celulose (13%). Em 1995, o faturamento foi de US\$ 1,3 bilhão, reflexo dos melhores preços praticados. Mas vale lembrar que a Klabin Fabricadora, uma das empresas do grupo, teve seu faturamento reduzido de US\$ 956,5 milhões em 1995 para US\$ 632,4 milhões em 1996, e para US\$ 527 milhões refletindo a crise que marcou o setor nesses anos.

As vendas do Grupo Klabin estão mais ligadas ao mercado interno (80%) e as exportações mais expressivas são as de celulose de eucalipto (através da Riocell) e as de papel *kraftliner* .

Nos últimos anos, a estratégia do Grupo foi direcionar investimentos para produtos de maior valor agregado. Nesse contexto insere-se a instalação de uma máquina de grande porte na PCC - Papel e Celulose Catarinense, objetivando consolidar a liderança em papéis sanitários e a produção de papel destinado a embalagens do tipo “tetra-pack”. Nessa mesma direção enquadra-se a associação, em 1994, com o grupo austríaco Lenzing visando à produção de 115 mil t/ano de celulose para dissolução, na Bacell, unidade localizada no Pólo de Camaçari, na Bahia. Outra importante associação do Grupo Klabin é a Celucat, *joint-venture* com a Kimberly-Clark, cujo faturamento em 1997 foi de US\$ 415 milhões, ocupando o 5º lugar no ranking nacional.

⁵ Conforme a Revista PPI – Pulp and Paper International, de setembro de 1997.

Com sua liderança ameaçada pelo crescimento de outros grupos, como o Suzano e o Votorantim, os dirigentes do Grupo Klabin iniciaram um processo de reestruturação administrativa. Sua política de alavancagem financeira pode ser considerada tímida, tendo em vista o porte do Grupo e, apenas em 1993, a Klabin realizou suas primeiras emissões de eurobônus, num total de US\$ 120 milhões. Até então, sua política de financiamento estava centrada em créditos do BNDES.

A estratégia de crescimento do Grupo Klabin para os próximos anos está dirigida para a reestruturação industrial associada à modernização de fábricas já existentes, para a consolidação dos projetos em conclusão (Bacell e PCC) e aquisição de empresas de pequeno porte do setor. Seus investimentos estão previstos para US\$ 124 milhões em 1998, dos quais US\$ 62 milhões já foram realizados no 1º semestre.

IV.4) GRUPO SUZANO (NEMOFEFFER)

O Grupo Suzano é formado por 41 empresas concentradas nos setores de papel e celulose e petroquímica. Seu controle acionário é exercido pela família Feffer, verificando-se uma administração altamente profissionalizada.

Seu setor de papel e celulose engloba a Cia. Suzano de Papel e Celulose, a Bahia Sul Celulose e a Igaras Papéis e Embalagens S.A., da qual detém 50% do controle acionário. Nesse setor, o Grupo ocupa a 2ª posição entre os produtores nacionais de papel e a 3ª em celulose de mercado e, a nível mundial, ocupou, em 1996, a 79ª posição por vendas líquidas.

O Grupo é especializado em papéis de imprimir e escrever e cartões, tendo ingressado no mercado internacional de celulose recentemente, após a conclusão da fábrica da Bahia Sul em março de 1992. Aliás, essa *joint-venture* com a CVRD

possibilitou um forte crescimento do Grupo, além de consolidar sua imagem no exterior. A Suzano detém 55% do capital ordinário da Bahia Sul e a CVRD tem 45%; a BNDESPAR participa com 24% do capital total e cerca de 9% está em poder do público. Vale lembrar que o Grupo Suzano é um dos integrantes do consórcio que arrematou o controle acionário da CVRD.

A estratégia de crescimento do Grupo Suzano tem sido a de associações sendo o único grupo nacional com origem papelreira a diversificar-se para a área petroquímica, entre outras. Nos anos mais recentes, o Grupo intensificou o lançamento de novos papéis para uso em escritórios, buscando diferenciação de produto e agregação de valor.

Com sua capacidade de expansão esgotada nas atuais instalações industriais de São Paulo, a saída para o sul da Bahia e a compra de 50% do capital da Igaras representaram sua forma de crescimento e diversificação, já que a Igaras atua no mercado de fibra longa, sendo o 2º produtor de papel de embalagem e o 4º em caixas de papelão ondulado. Desse modo, as fábricas de São Paulo ficam direcionadas para produtos de maior valor agregado, cabendo a produção de *commodities* às modernas instalações da Bahia Sul e aos novos investimentos com a Igaras que, inclusive, pretende integrar sua produção de embalagens múltiplas com uma gráfica. A Suzano também planeja aumentos de produção na sua linha de cartões, com incremento do uso de fibras recicladas.

Entre seus investimentos recentes, pode-se destacar a implementação do Projeto Delta, em seu parque industrial de Suzano (SP). O objetivo era aumentar em 30 mil toneladas/ano a capacidade de cartões de alta qualidade, segmento no qual é líder de mercado.

Merece destaque a experiência do Grupo na montagem de operações envolvendo sofisticadas “engenharias financeiras”, o que, certamente, pode ser considerado um importante fator de competição no atual cenário nacional e mundial, podendo esta experiência ser usada como vantagem competitiva em relação aos demais grupos papeleiros do Brasil, principalmente face à forte concorrência exercida pelo Grupo Votorantim no segmento de papéis de imprimir e escrever.

A seguir, uma breve análise das empresas que compõem o setor de papel e celulose do Grupo Suzano:

IV.4.1) CIA. SUZANO DE PAPEL E CELULOSE

A Cia. Suzano de Papel e Celulose, a primeira do Grupo Suzano, possui três unidades industriais, todas localizadas no estado de São Paulo, e opera com uma capacidade de 420 mil toneladas/ano na produção de celulose, e 525 mil toneladas/ano de papel, sendo 60% de papéis de imprimir e escrever, 28% de cartões de alta qualidade e 12% de papel couche.

A Companhia é a maior produtora de cartões de alta qualidade da América Latina (com 58% da produção nacional) e líder no segmento de papéis couche, com 50% da produção nacional.

Seu faturamento em US\$ 644 milhões em 1996, mas foi reduzido para US\$ 523 milhões em 1997. A queda no faturamento, associada às altas despesas financeiras e de variação monetária (cerca de US\$ 178 milhões), resultaram em um prejuízo líquido de mais de US\$ 65 milhões.

IV.4.2) BAHIA SUL CELULOSE

A Bahia Sul Celulose, joint venture entre a Suzano e a Companhia Vale do Rio Doce, iniciou suas atividades de celulose em 1992 e de papel em 1993. Possui uma capacidade de 500 mil toneladas/ano para a produção de celulose e de 250 mil toneladas/ano de papel.

A maior parte de seus produtos é destinada para o mercado externo, e, para isso, a Bahia Sul conta com suas subsidiárias: a Bahia Sul America Inc. e a Bahia Sul International Trading Ltda.. Suas exportações de celulose se destinam principalmente à Ásia (53%), América do Norte (28%) e Europa (18%). De sua produção de papel, cerca de 60% se destina ao mercado externo, sendo, do total exportado, 35% para a América do Norte, 28% para a Europa, 20% para a Ásia e 14% para o Oriente Médio.

Seu faturamento líquido foi de US\$ 305 milhões em 1997, 5% maior que em 1996. Este aumento contribuiu para a redução de seu prejuízo para US\$ 39 milhões em 1997, comparado a US\$ 106 milhões em 1996. Vale destacar que seu prejuízo teve como principal causa as despesas financeiras e de variação monetária, da ordem de US\$ 180 milhões em 1997.

IV.4.3) IGARÁS PAPÉIS E EMBALAGENS S.A.

A Igaras era apenas uma subsidiária da americana Riverwood, mas em 1994, se transformou numa sociedade anônima de capital fechada, formada por uma associação entre a Riverwood e a brasileira Suzano.

A Igaras, após essa transformação, foi, em 1995, a segunda produtora de papel e papelão para embalagens do país, atrás apenas da Klabin. Seu bom desempenho se deve

principalmente ao investimento no segmento de embalagens *multipack*. A empresa pretende manter essa estratégia, visto que no Brasil, apenas 4% dos refrigerantes e cervejas são vendidos nesse tipo de embalagem, comparado a 70% nos Estados Unidos.

A empresa também foi bastante favorecida por dois fatos: o preço da tonelada da celulose no mercado internacional passou de pouco mais de US\$ 400 em 1994 para US\$ 700 em 1995; e um favorável mercado interno para o papelão (que a Igaras produz em São Paulo e Santa Catarina), devido ao incremento das vendas de eletrônicos, que usam papelão na embalagem.

Seu faturamento líquido foi de US\$ 312 milhões em 1997, comparado a US\$ 305 milhões em 1996. Seu lucro líquido, no entanto, se reduziu em 35% para US\$ 16 milhões, principalmente devido às despesas financeiras.

IV.5) GRUPO VOTORANTIM

O Grupo Votorantim é constituído por 60 empresas, sendo o maior grupo privado nacional e ocupando, em 1997, a 3ª posição entre os produtores de papel e a 5ª posição entre os produtores de celulose brasileiros. No mercado mundial, situa-se na 64ª colocação por faturamento, entre as empresas de papel e celulose.

A atuação do Grupo no setor de papel e celulose, até 1990, era marginal, constituindo-se, apenas, de uma antiga fábrica de papel celofane (hoje fechada), produção de cerca de 40 mil toneladas/ano de papéis de embalagem para confecção de sacos e 6% de participação no capital ordinário da Riocell. Após a aquisição da Celpav (antiga Cia. Guatapará), em maio de 1988, e do controle acionário das empresas do Grupo Simão, em novembro de 1992, o Grupo Votorantim tornou-se um dos mais atuantes na chamada “linha branca” de papéis.

O faturamento do Grupo, em 1997, alcançou cerca de US\$ 4 bilhões, tendo os produtos da área papeleira contribuído com 22%, contra 35% e 28% para o cimento e os metais, respectivamente. Registre-se que, em 1992, a participação da “área papel” no faturamento do Grupo foi de apenas 7%. A VCP (braço do Grupo no setor de papel e celulose), teve um faturamento de US\$ 718 milhões em 1997, o maior do setor, contra US\$ 684,5 milhões em 1996.

No início de 1995, o Grupo procedeu à uma reorganização societária, formando uma *holding* operacional - VCP - Votorantim Celulose e Papel S.A. - que detém o controle de todas as operações e empresas de papel e celulose. A VCP conta com 20,7% de participação acionária da BNDESPAR, além de 16,7% de ações no mercado, o que representa um fator de diferenciação da VCP dentro do Grupo Votorantim, onde a maioria de suas controladas é de capital fechado.

A VCP é uma empresa integrada desde a base florestal, produzindo papéis de imprimir e escrever revestidos e não revestidos e atuando fortemente em papéis especiais, entre estes, papéis de segurança (para talonário, *tickets* e, inclusive para moeda) e papéis térmicos (para uso em fax) e autocopiativos.

Priorizando a consolidação de seus investimentos, o Grupo Votorantim desistiu de participar do projeto Celmar que objetiva o plantio de 65 mil ha de florestas e posterior construção de uma fábrica de celulose de eucalipto de 500 mil toneladas/ano, em Imperatriz, Maranhão. Sem essa alternativa de crescimento futuro, resta à VCP intensificar a modernização de seu atual parque fabril, principalmente da unidade de Jacaré onde ainda há possibilidades de aumentos na produção de celulose e de papel. Num prazo mais longo é provável a participação do Grupo Votorantim numa das planejadas fábricas brasileiras de celulose.

IV.6) GRUPO RIPASA

O Grupo Ripasa compõe-se de seis empresas unicamente atuantes em atividades do setor de papel e celulose. O controle do capital é exercido pela ZDZ Participações, *holding* formada pelas famílias Zarzur, Derani e Zogbi, em igual proporção de ações. A Ripasa S.A. Celulose e Papel é a *holding* operacional do Grupo e possui cerca de 27% de seu capital social em poder do público. As outras empresas do Grupo são a Cia. Santista de Papel e a Limeira Indústria de Papel.

O Grupo, em 1994, foi o 4º produtor brasileiro de papéis de imprimir e escrever, com 13% do total produzido, apresentando-se, também naquele ano, com 19% da produção de cartões, o que lhe conferiu a 2ª posição nacional. As exportações desses papéis alcançaram 48% e 32% da produção do Grupo de imprimir e escrever e cartões, respectivamente, refletindo-se em cerca de 35% do faturamento bruto de 1994.

O Grupo conta com quatro unidades industriais localizadas no Estado de São Paulo e seu crescimento no período entre as décadas de 70 e 90 pode-se considerar concentrado na unidade de Limeira, fabricante integrado de celulose e papéis de imprimir e escrever.

No final dos anos 80, o Grupo lançou-se num programa de expansão de sua capacidade de produção de imprimir/escrever, contemplando investimentos da ordem de US\$ 150 milhões em modernização da fábrica e instalação de uma nova máquina de papel de 140 mil t/ano. Contudo, a retração dos preços dos produtos ocorrida no segmento entre 1990 e 1993, coincidiu com o término do projeto, levando o Grupo Ripasa a uma delicada situação econômico-financeira. A Empresa recorreu, então, a programas de redução de custos e reestruturação administrativa, além da busca de

capitalização no mercado através de lançamentos de debêntures, eurobônus e financiamentos da IFC e do BNDES.

O Grupo Ripasa vem postergando uma série de investimentos imprescindíveis para um melhor posicionamento competitivo, principalmente na área de produção de celulose e cartões. Paralelamente, tornou-se acionista da Celmar, detendo 42,5% do capital ordinário, vislumbrando, por esta via, seu crescimento futuro.

O faturamento líquido da Ripasa S.A., em 1994, atingiu o valor de US\$ 340 milhões, concentrado nas categorias de papéis de imprimir e escrever e cartões. Com a recuperação do mercado, o faturamento líquido de 1995 se elevou para US\$ 410,9 milhões, mas se reduziu para US\$ 332,2 milhões em 1996 e US\$ 306 milhões em 1997. Seu resultado líquido, no entanto, passou de um prejuízo de US\$ 28 milhões em 1996 para US\$ 15 milhões em 1997.

IV.7) CHAMPION PAPEL E CELULOSE

A Champion Papel e Celulose é a subsidiária brasileira da Champion International Corporation, empresa americana produtora de 5 milhões de toneladas/ano de papéis e 800 mil t/ano de celulose de mercado, situando-se em 13º lugar no *ranking* mundial, com faturamento líquido da ordem de US\$ 4 bilhões.

A subsidiária brasileira produziu, em 1997, um volume de 311 mil toneladas/ano de celulose integrada à produção de 352 mil toneladas/ano de papéis de imprimir e escrever, o que lhe conferiu a 6ª e 5ª posição entre os produtores nacionais de celulose e papel, respectivamente. Seu faturamento líquido foi de US\$ 369 milhões em 1997, contra US\$ 436 milhões em 1996.

Atuando desde o início da produção, em janeiro de 1960, exclusivamente no segmento imprimir/escrever, a Champion tornou-se líder em qualidade e desenvolvimento de produtos, além do atendimento ao mercado externo. A exportação de papel sempre foi seu ponto forte e atinge cerca de 45% de suas vendas físicas.

A estratégia de crescimento, nas duas últimas décadas foi a de verticalização das atividades, com investimentos em florestas e em modernização industrial, utilizando-se, basicamente, de sua própria geração de recursos. Foram relevantes os gastos com pesquisa e desenvolvimento, possibilitando avanços tecnológicos, logo seguidos por seus principais concorrentes (Suzano e Ripasa).

A capacidade de expansões significativas do seu atual parque fabril (localizado em Mogi-Guaçu, São Paulo) está esgotada e a Empresa, carente de novos investimentos, vem perdendo sua tradicional liderança.

Buscando novas alternativas de crescimento, a Empresa iniciou, por volta de 1987, os planos de uma grande unidade produtora de papel e celulose de mercado na cidade de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. Entretanto, tal projeto vem sendo sucessivamente adiado pela matriz. Hoje, as áreas florestais da Champion no Brasil estão distribuídas em três estados: 46,8 mil ha (39 mil ha de reflorestamentos) em São Paulo; 82,4 mil ha no Mato Grosso do Sul e 232,5 mil ha no Amapá. Nesse último estado, os planos são de uma futura instalação produtora de cavacos de eucalipto para exportação.

Seguindo a estratégia de se concentrar na produção de papel branco de escrever e imprimir e revestidos, Champion adquiriu, em janeiro de 1998, a Inpacel (Indústria de Papel e Celulose de Arapoti) por US\$ 300 milhões. Produtora de 53 mil toneladas/ano de celulose e 152 mil toneladas/ano de papel, a Inpacel pertencia ao Grupo Bamerindus.

IV.9) SANTHER

Para atingir a liderança do ranking de rentabilidade do setor⁶, a Fábrica de Papel Santa Therezinha (Santher) tomou uma série de decisões acertadas, começando por 1994. Logo após a eleição de Fernando Henrique Cardoso, a Santher optou por retomar um plano de investimentos interrompido em 1991, no governo Collor.

Os novos equipamentos que foram comprados pela empresa por US\$ 30 milhões entraram em operação em julho do ano passado, em um momento em que o mercado estava bastante aquecido. A produção da Santher atingiu 122 mil toneladas em 1996, 27% acima de 1995. Ao passo que seus produtos chegavam aos revendedores 13% mais baratos do que no ano anterior (devido ao repasse da queda do preço da celulose), as receitas tiveram um aumento de 8,7% no mesmo período. O seu faturamento atingiu a marca de US\$ 264 milhões em 1996, e sua rentabilidade foi de 19%.

Outra decisão bastante oportuna foi a introdução, em alguns de seus produtos, de inovações já conhecidas no exterior, mas ainda inéditas no país. Com um investimento relativamente baixo, a Santher passou a fabricar uma toalha de papel com uma espécie de almofada de ar entre as duas folhas. O resultado foi o aumento para 37% de sua participação no mercado de toalhas (10 pontos percentuais acima do ano anterior), e passou a liderar esse ramo. Além disso, também lidera a venda de papel higiênico (15% de *market-share*), e de guardanapos (14% do mercado brasileiro).

Quanto aos investimentos programados, a empresa despense atualmente cerca de US\$ 25 milhões na modernização de equipamentos. Uma linha que produz apenas papel para embalagem passará a fazer papel higiênico. Esse esforço em se estabelecer no

⁶ Retorno sobre o investimento, segundo a Revista Maiores e Melhores de 1997 e 1998.

mercado de papel higiênico se baseia no fato de que, no Brasil, o consumo anual é de 3,2kg por habitante, contra 10 kg/hab/ano na Europa e 21 kg/hab/ano nos Estados Unidos. Isto é, há um enorme potencial a ser explorado.

No entanto, a decisão sobre essa linha de produção só será tomada após a conclusão de um estudo de viabilidade para a instalação de uma fábrica na Argentina (de cerca de US\$ 100 milhões), país para o qual a Santher destina 7% de sua produção.

Apesar do excelente desempenho em 1996, a Santher apresentou uma queda de 6% em seu faturamento para US\$ 248 milhões em 1997, e sua rentabilidade se reduziu para 5% ao ano, bem acima, ainda, da mediana do setor (-1%).

V) COMÉRCIO EXTERIOR:

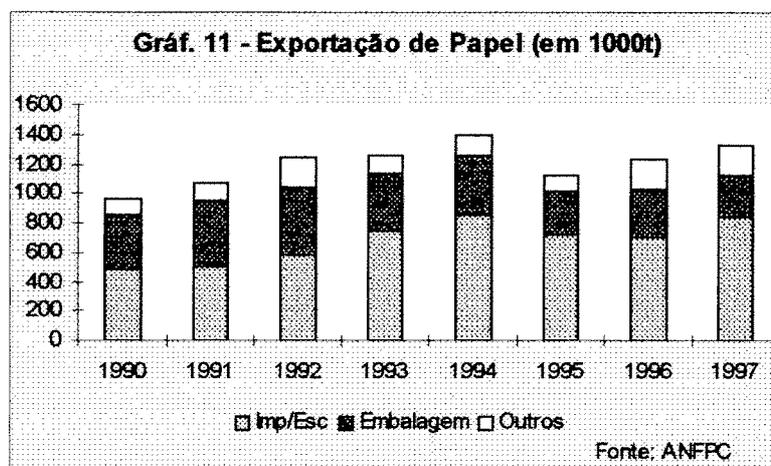
O comércio de papel, em 1995, movimentou cerca de 72 milhões de toneladas, correspondendo a US\$ 80 bilhões e a 26% da produção mundial. O fluxo mais intenso de comércio é apresentado pelos segmentos embalagem, imprimir e escrever e papel de imprensa.

A importação de papel é concentrada (cerca de 50%) em seis países: EUA, Alemanha, Inglaterra, França, China e Itália. Os Estados Unidos apresentam um fluxo intenso com o Canadá no comércio de papel de imprensa. Os países europeus são grandes importadores de papéis para imprimir e escrever e embalagens.

Os principais países exportadores de papel são Canadá, Finlândia, Suécia e EUA, atuando o primeiro fortemente em papel de imprensa, a Finlândia no tipo imprimir e escrever e os EUA concentrados em papéis para embalagem. A exportação da Suécia é a mais equilibrada entre os principais tipos de papel.

As exportações brasileiras de papel alcançaram 1329 mil toneladas em 1997 e concentram-se nos tipos imprimir/escrever não revestidos e embalagem. Até meados da década de 80, o mercado externo era usado pelos produtores de papel para colocação do volume não absorvido no País. A partir do agravamento da recessão interna e da boa receptividade do papel brasileiro no exterior, a postura dos produtores nacionais foi se modificando e, atualmente, as exportações de papel assumem vital importância na

ocupação da capacidade produtiva. O Brasil já se situa como um dos três maiores fornecedores mundiais de papel para imprimir e escrever não revestido, à base de celulose, tendo exportado, em 1995, 720 mil toneladas, o que significou 40% da produção nacional deste tipo de papel.



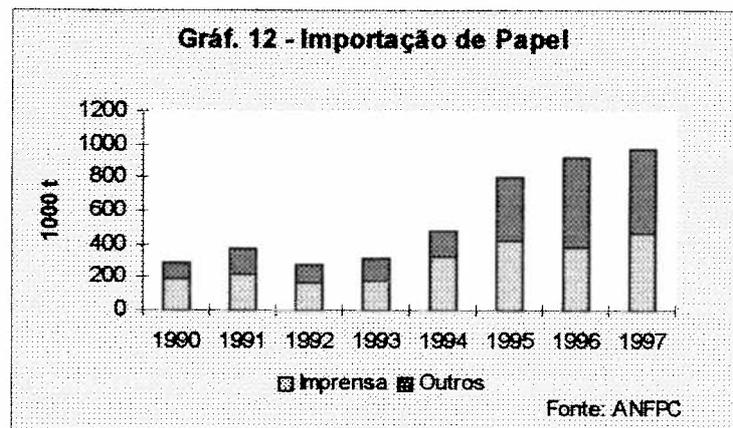
A Europa, até 1991, era o principal mercado para os produtores de papel brasileiros. Hoje, pode-se considerar as exportações distribuídas igualmente por três blocos: América Latina, Europa e Ásia/África/EUA.

O crescimento das exportações para o Mercosul tem sido expressivo, assim como para os EUA que, no período entre outubro de 1988 e julho de 1990, estava fechado para o Brasil como retaliação comercial devido ao impasse ocorrido na questão do reconhecimento de patentes.

A balança comercial do setor vem registrando saldos positivos constantes, tendo contribuído, em 1997, com cerca de 4% das exportações totais do Brasil: entre papel e celulose, o valor exportado somou US\$ 2 bilhões (contra US\$ 1,93 bilhões em 1996), com importações de US\$ 1,1 bilhão (contra US\$ 1 bilhão em 1995). O saldo comercial em 1997 foi, portanto de US\$ 928 milhões, contra US\$ 927 milhões em 1996.⁷

⁷ Os dados de importação e exportação F.O.B. foram fornecidos pela SECEX (Secretaria de Comércio Exterior/ Banco do Brasil)

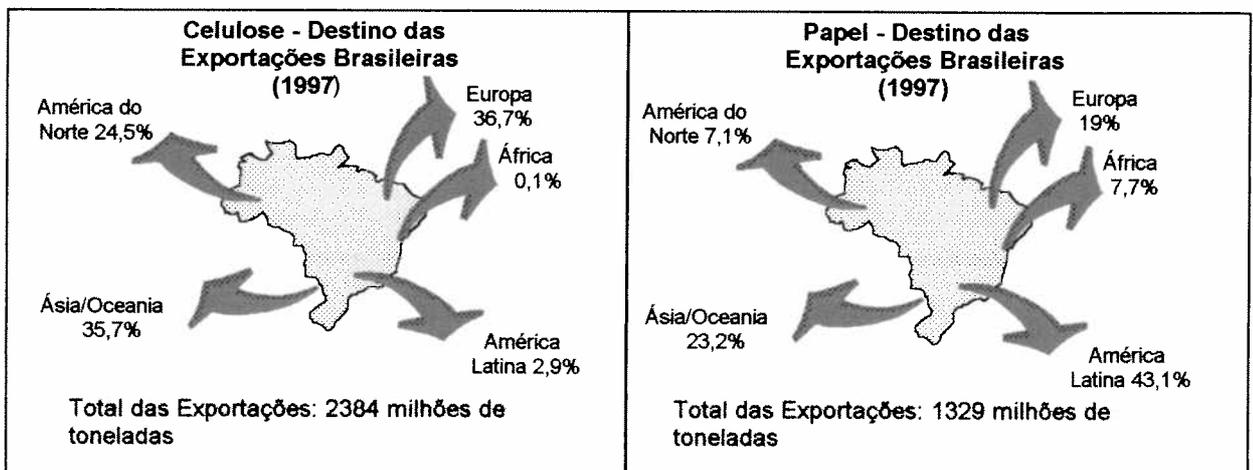
As importações brasileiras de papel são, basicamente, dos tipos imprensa (principalmente do Canadá) e imprimir/escrever revestidos (Finlândia). Em



1997, situaram-se na ordem de 978 mil toneladas, sendo 6% superior às importações de 1996. Vale observar o incremento de outros tipos de papel no montante das importações, sendo principalmente papéis especiais.

As importações de celulose, oriundas em sua maior parte do Chile, Estados Unidos e Canadá, concentram-se no tipo fibra longa branqueada, registrando um volume de 255 mil toneladas em 1997 (comparado a 187 mil toneladas em 1996).

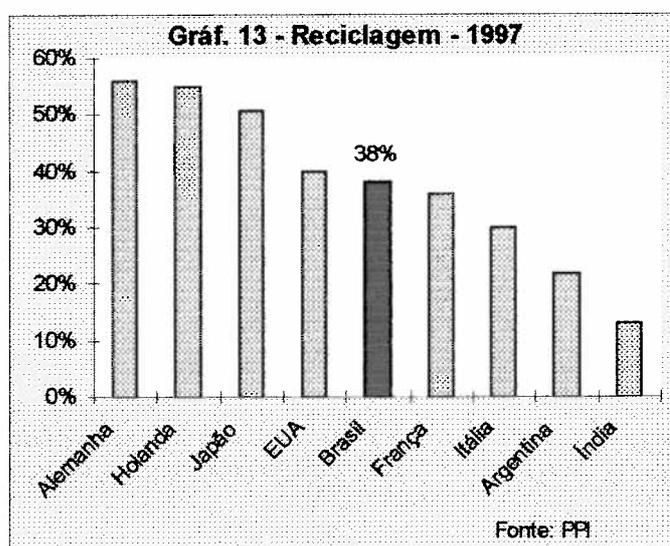
O destino das exportações brasileiras de papel e celulose tem apresentado um comportamento constante desde o início da década de 90, sendo a distribuição atual dada da seguinte forma :



Fonte: ABCECEL, ANFPC, DTIC

VI) RECICLAGEM:

Segundo a PPI (Paper & Pulp International), o Brasil apresenta uma taxa de Recuperação de Aparas na média mundial, como podemos ver no gráfico ao lado. No ano de 1997, as empresas brasileiras reciclaram cerca de 2,2 milhão de toneladas



de aparas de papel, contra 1,9 milhão em 1995. A produção de papel reciclado foi de cerca de 1,6 milhão de toneladas, o que equivale a 27% da produção brasileira. Os fatores que garantiram resultados favoráveis ao segmento de papéis reciclados foram, além do apelo ecológico e da onda de consumo, a larga escala de utilização e o fato de os papéis reciclados fazerem parte de uma variedade de produtos da indústria de papel, como os sanitários, cartões e cartolina, e caixas de papelão ondulado.

VII) AS CONSEQUÊNCIAS DO PLANO REAL NO SETOR:

Após o início do Plano Real, em Julho de 1994, o Brasil presenciou um aumento significativo no poder de compra das classes econômicas mais baixas da sociedade. Com a redução das taxas de inflação, esta camada da população, que contribuía anteriormente com o chamado “imposto inflacionário”, tornou-se capaz de planejar seu orçamento mensal. A consequência direta desse fenômeno foi o maior acesso aos bens de consumo, mais notavelmente os gêneros de primeira necessidade, como os produtos de higiene. Dentre esses produtos, destacou-se o aumento do consumo de papéis sanitários⁸. O aumento no consumo de eletrodomésticos, conforme descrito no capítulo anterior, também impulsionou as vendas de papéis para embalagem.

Outra consequência do Plano Real foi o aumento do consumo de periódicos, como jornais e revistas, principalmente com o aumento dos fascículos e encartes promocionais oferecidos pelas editoras como forma de atrair mais consumidores. Com relação ao uso de papel em escritórios, constatou-se um aumento no consumo de papéis especiais, cada vez mais utilizados em impressoras a laser ou em aparelhos de fac-símile.

No que diz respeito ao comércio exterior, a abertura econômica iniciada no governo Collor, e ampliada no Plano Real fez com que as importações e exportações de

⁸ Segundo a BRACELPA, em 1997 os papéis sanitários tiveram suas vendas distribuídas da seguinte forma: papéis higiênicos (81%), toalhas de mão (9%), toalhas em geral (6%) e o restante (4%).

papel e celulose sofressem um significativo aumento, em diferentes proporções, conforme será visto a seguir.

VII.1) CONSUMO DE CELULOSE:

O consumo aparente⁹ nacional de celulose de mercado evoluiu de 703 mil toneladas em 1993 para 990 mil toneladas em 1997, registrando um crescimento de 41%. No Brasil, a maior parcela da produção de celulose é destinada ao consumo próprio, isto é, para a produção dos próprios produtores de papel. Em 1993, este montante foi de 2570 mil toneladas, e alcançou 3339 mil toneladas ao final de 1997. (Ver tabela a seguir).

Tabela 1 - Brasil - Destino da Produção de Celulose

	1993	1997	Variação %
<i>Produção de Celulose</i>	5010	6331	26%
<i>Consumo Próprio</i>	2570	3339	30%
<i>Vendas Domésticas</i>	605	710	17%
<i>Exportação</i>	2008	2384	19%
<i>Importação</i>	98	279	185%
<i>Consumo Aparente</i>	703	989	41%

Em 1000 t

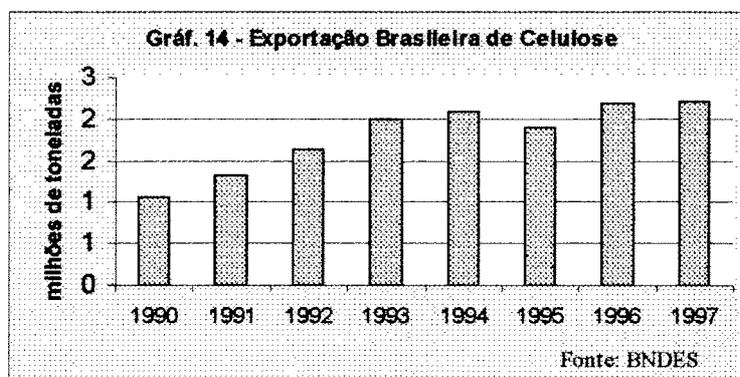
Fonte: ABECEL, SECEX

⁹ O consumo aparente de celulose é calculado pela soma das vendas no mercado doméstico com as importações.

As exportações de celulose (conforme mostrado no gráfico 14) também foram afetadas pelo Plano Real, embora em menor proporção, uma vez que, sendo pequena a parcela comercializada no mercado doméstico (cerca de 30%), não se altera significativamente o

excedente exportado. As vendas externas sofreram uma variação de 17% entre 1993 e 1997, atingindo

23434 mil toneladas neste último ano.



VII.2) CONSUMO DE PAPEL:

O consumo de papel é diretamente afetado pelo nível de atividade econômica e pela variação da renda. No Brasil, como consequência da implantação do Plano Real, o consumo aparente de papéis de todos os tipos elevou-se, entre 1993 e 1997, de 4184 mil toneladas para 6167 mil toneladas, indicando um crescimento de 47% no período, ou ainda 8% ao ano. Para sustentarmos a importância do Plano Real, basta comparar esta taxa com a verificada entre 1990 e 1997, de apenas 5% ao ano.

Dentre os tipos de papéis, os de imprimir/escrever e de embalagem representam cerca de 75% do consumo total de papel, como podemos ver no gráfico abaixo.

No entanto, na análise do período depois da implantação do Plano Real, as categorias de papel imprensa e sanitários foram as que apresentaram o maior percentual de crescimento (vide tabela abaixo). Este fato é facilmente explicado pelo crescimento da renda disponível das camadas populares, que aumentaram significativamente o consumo

de produtos de primeira necessidade, como papéis sanitários. Além disso, com uma maior oferta e acessibilidade à informação, é visível o aumento da distribuição de periódicos, e uma conseqüente ampliação no consumo de papel de imprensa.

Tabela 2 - Brasil – Consumo Aparente de Papel

	1993	1997	Variação %
<i>Embalagem</i>	1896	2658	40%
<i>Imprimir/Escrever</i>	952	1377	45%
<i>Imprensa</i>	426	723	70%
<i>Sanitários</i>	358	538	50%
<i>Cartões</i>	449	656	46%
<i>Outros</i>	73	215	195%
Total	4184	6167	47%

Em 1000 t

Fonte: ANFPC

No que tange as importações de papel, vale lembrar, como já foi dito no capítulo V, que se concentram primordialmente nas categorias imprensa e imprimir/escrever, representando, isoladamente, 70% do volume importado. A abertura do país e o expressivo crescimento do mercado interno levaram a um salto do volume de papel adquirido no exterior de 294 mil toneladas em 1993 para 978 mil toneladas em 1997, ou seja, um crescimento médio de 27% ao ano, neste período.

VIII) A CONJUNTURA DO SETOR NO BRASIL:

O ano de 1997 foi marcado por um aumento na produção (2,2% na produção de celulose e 4,9% na produção de papel). No entanto, a conjuntura de preços internacionais ainda em oscilação provou uma queda de 9% no faturamento das empresas¹⁰ do setor.

Outros fatores que afetaram negativamente o desempenho das empresas foram o aumento da concorrência dos produtos importados, a defasagem da política cambial e as deficiências logísticas que reduzem a competitividade das empresas brasileiras no comércio internacional.¹¹

A crise financeira asiática também teve consequências para o setor, como será visto mais adiante. Em 1997, a Ásia representou cerca de 15% do total de exportações de papel e celulose oriundas do Brasil.

A seguir, são apresentados detalhes que caracterizaram a conjuntura específica de cada tipo de produto no ano de 1997:

¹⁰ Refere-se ao faturamento das 26 maiores empresas do setor, segundo a BRACELPA (Associação Brasileira de Papel e Celulose).

¹¹ Estimativas da CNI (Confederação Nacional da Indústria) calculam em US\$ 5 bilhões de perda nas exportações devido às deficiências logísticas.

VIII.1) CELULOSE DE MERCADO:

Apesar do crescimento de 2,2% na produção de celulose no Brasil, que chegou a 6,3 milhões de toneladas em 1997, os preços permaneceram deprimidos (US\$550/tonelada, contra US\$590/tonelada no final de 1996).

A crise asiática, apesar de ter provocado, a curto prazo, uma pressão para baixo nos preços (redução na demanda global), a médio prazo deve influenciar positivamente as empresas brasileiras, devido a possíveis cancelamentos de novos projetos no sudeste asiático. Com isso, além de uma provável recuperação dos preços, deve ocorrer um deslocamento de investimento na direção da América Latina.

VIII.2) PAPÉIS PARA IMPRIMIR E ESCREVER:

A produção nacional de papéis de imprimir e escrever cresceu, em 1997, 20%. O consumo aparente, no entanto, aumentou 67%. Isto significa que houve uma forte pressão sobre as importações.

Como a produção desse tipo de papel tem sido insuficiente para satisfazer a demanda interna, espera-se, dos fabricantes, um investimento no aumento de sua capacidade instalada. Nesse sentido, a VCP e a Ripasa já se adiantaram em projetos que visam a aumentar em 100 mil toneladas/ano e 40 mil toneladas/ano, respectivamente, a produção de papéis de imprimir e escrever.

VIII.3) PAPEL IMPRENSA:

Assim como os papéis para imprimir e escrever, a produção nacional de papel imprensa não tem acompanhado o ritmo de crescimento da demanda. Em 1997, o país produziu 265 mil toneladas deste tipo de papel, contrastando com uma demanda estimada em 690 mil toneladas, sobretudo devido ao aumento no nível de leitura de jornais. Dessa forma, as importações alcançaram o montante de 420 mil toneladas, cerca de 60% do mercado.

VIII.4) PAPÉIS PARA EMBALAGEM:

O mercado de papéis para embalagem funciona como um indicador do aumento da demanda por bens de consumo. Em 1997, o crescimento de 5% deste segmento superou o crescimento do Produto Interno Bruto, e teve como principais causas o aumento do consumo de gêneros alimentícios, produtos de higiene e eletrodomésticos.

VIII.5) PAPÉIS SANITÁRIOS:

Assim como o segmento de papéis para embalagem, o consumo de papéis sanitários reflete o aumento do consumo das camadas mais pobres da sociedade que, a partir do início do Plano Real, tiveram um maior acesso ao consumo de gêneros de primeira necessidade.

As vendas deste tipo de papel aumentaram em 6% para 564 mil toneladas em 1997. No entanto, de acordo com a conjuntura do setor, seus preços vêm sofrendo uma

forte oscilação. No caso dos papéis sanitários, a redução de preços chegou a 20% no ano de 1997.

VIII.6) PAPÉIS ESPECIAIS:

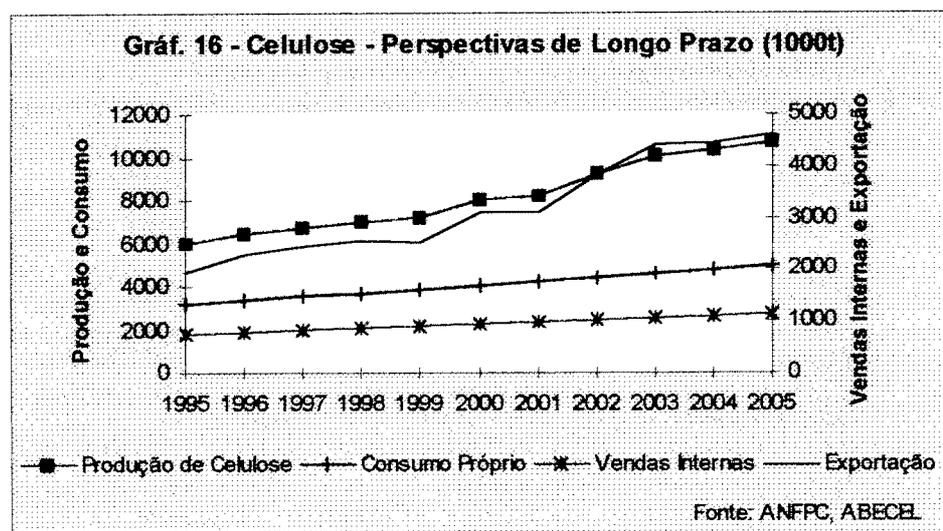
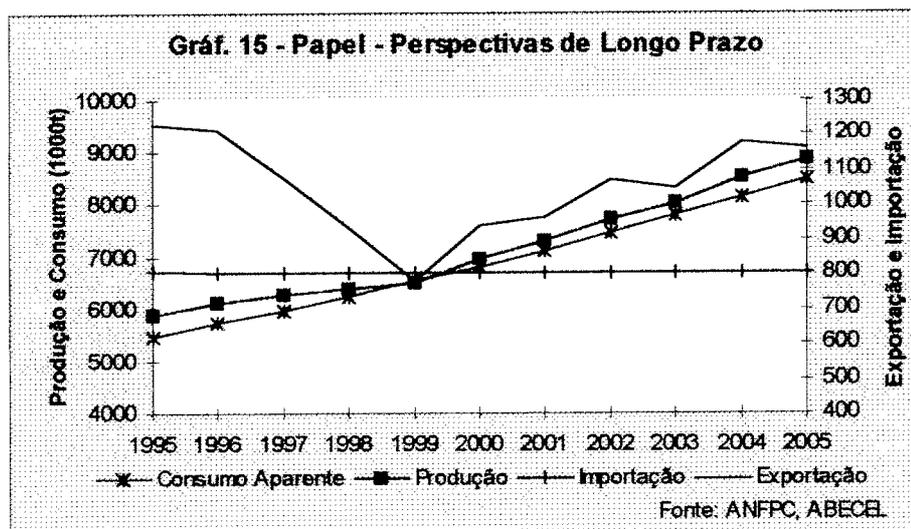
O segmento de papéis especiais engloba papéis para embalagens especiais (como iogurte), papéis autocopiativos (utilizado nos aparelhos de fac-símile), papéis para adesivos e etiquetas e papéis especiais para impressão. Todos estes produtos vêm apresentando um incremento de demanda nos últimos anos e, em 1997, teve sua produção aumentada em 15% para 160 mil toneladas.

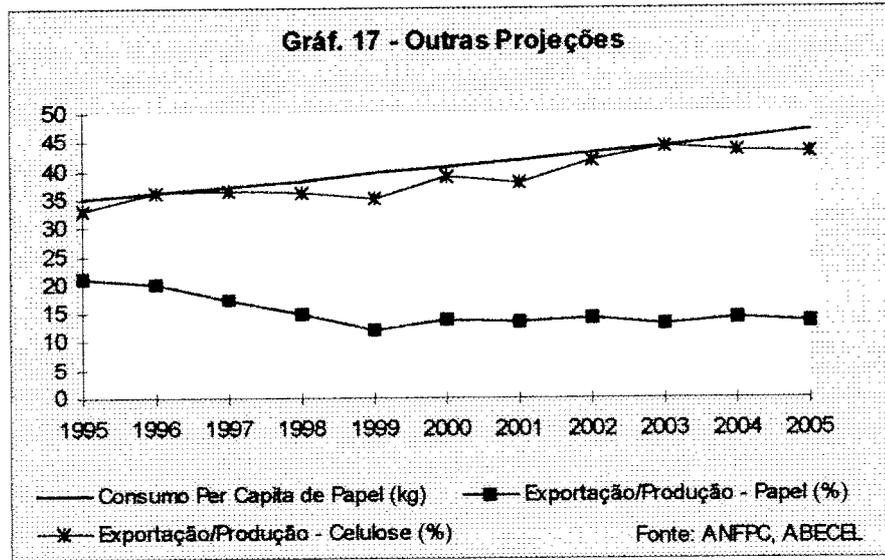
O maior destaque do segmento foi a aquisição da Papel Pirahy pela norte-americana Schwitzer-Mauduit International, uma das maiores produtoras mundiais de papel, e que está iniciando sua atuação na América do Sul. Anteriormente pertencente à Souza Cruz, a Papel Pirahy produziu 48 mil toneladas em 1997, e foi vendida por US\$ 62 milhões.

Abaixo se seguem as perspectivas para o setor de papel e celulose, feitas pela Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC). Pode-se observar, no gráfico 15, que o consumo aparente de papel crescerá cerca de 42%, entre 1996 e 2005, acompanhada por um crescimento de 45% do consumo aparente. Há uma notável redução das exportações, em níveis absolutos, confirmada por uma queda de 33% da participação das exportações sobre o total produzido (gráfico 17), para o mesmo período. Além disso, vale notar o aumento do consumo per capita de papel no período (30%), também no gráfico 17.

Já o crescimento da produção de celulose em 71%, mostrado no gráfico 16, não é acompanhado pelas vendas internas e consumo próprio, os quais apresentam, para o

mesmo período, um aumento de cerca de 50%. O excedente produzido é exportado (crescimento de 100%), o que se confirma no aumento da participação das exportações sobre a produção total de celulose (gráfico 17).





IX) O REFLEXO DA CRISE ASIÁTICA:

Os países do Sudeste Asiático¹² consomem 29% do papel e 20% da celulose produzidos no mundo. Com 1,6 bilhão de habitantes, a região apresenta um consumo per capita de 50kg de papel por ano (30% superior ao Brasil).

Uma vez que não dispõem de matéria-prima florestal suficiente para atender a sua crescente demanda, os países da região importam grandes volumes de papel e celulose.

A crise financeira iniciada no final de 1997 vem afetando, sob vários aspectos, a indústria brasileira de celulose e papel¹³. Nesse sentido, vale subdividir o assunto para uma melhor caracterização do problema.

No item 1 deste capítulo será feito um diagnóstico do setor na região do Sudeste Asiático; no item 2, os efeitos imediatos da crise para o setor na região; no item 3 um detalhamento do comércio brasileiro para a região; e, por último, os efeitos da crise para as exportações brasileiras.

¹² Países considerados: China, Coréia, Hong Kong, Indonésia, Japão, Malásia, Tailândia e Taiwan.

¹³ Vide MACEDO, A.R.P & VALENÇA, A.C. – “A Crise Asiática e o Setor de Celulose e Papel no Brasil”.

IX.1) O SETOR DE PAPEL E CELULOSE NOS PAÍSES DO SUDESTE ASIÁTICO:

Os países do Sudeste Asiático selecionados neste trabalho foram responsáveis pela importação de 27% da celulose comercializada no mundo. Além disso, a região é grande demandante de papéis para reciclagem, estando a Coreia, Taiwan, Indonésia e China entre os maiores importadores mundiais, cada um com volumes anuais superiores a um milhão de toneladas. Esses números são inferiores apenas aos do Canadá que, para atender a legislação americana de consumo de papéis de imprensa, é obrigado a utilizar, em média, cerca de 25% de fibras recicladas na fabricação daqueles papéis.

Em 1996, o consumo de papel no Sudeste Asiático atingiu 80,5 milhões de toneladas, volume comparável ao dos Estados Unidos (84,8 milhões de toneladas). As importações foram responsáveis pelo suprimento de 17 % desse consumo e por 18% do volume de papel comercializado no mundo.

Mesmo com a crescente oferta de celulose por parte da Indonésia, a região importou, em 1996, o equivalente a 22% de seu consumo. Os grandes importadores, China, Japão e Coreia, obtêm suas matérias-primas, principalmente, do Canadá, Estados Unidos, Chile e Brasil, além da própria Indonésia.

Na tabela seguinte são apresentados os principais agregados do setor de celulose e papel referentes aos países asiáticos aqui analisados.

Tabela 3 - Celulose e Papel: Países do Sudeste Asiático - 1996

	Papel			Celulose		
	<i>Produção</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>	<i>Produção</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>
<i>China</i>	26000	4494	217	190000	1468	16
<i>Japão</i>	30013	1559	713	11199	3420	81
<i>Coréia</i>	7681	676	1384	618	2241	0
<i>Indonésia</i>	4386	198	1668	2635	836	1127
<i>Taiwan</i>	4337	1076	924	326	909	1
<i>Hong Kong</i>	340	3821	2870	0	18	7
<i>Malásia</i>	692	300	100	145	150	0
<i>Singapura</i>	60	723	192	0	31	18
<i>Tailândia</i>	2036	470	205	503	344	131
Total – Região	7545	13317	8273	34426	9417	1381
Total – Mundo	281979	75281	77864	174042	35071	34608

Em 1000 t

Fonte: Paper & Pulp International

Vale ainda complementar que China e Hong Kong¹⁴ são grandes importadores de papéis de embalagem. O Japão concentra suas importações em papéis de imprimir e escrever e papel de imprensa. Do lado das exportações, destacam-se a Indonésia (imprimir e escrever), a Coréia (cartões) e Taiwan (papéis de embalagem).

IX.2) O IMPACTO IMEDIATO DA CRISE NA REGIÃO:

Cada um dos países do Sudeste Asiático apresenta estrutura econômica, financeira e política diferentes entre si e, dessa forma, uma análise generalizada deve ser vista com a necessária cautela. De qualquer forma, em relação ao setor de celulose e papel, fatores econômicos comuns a toda aquela região, como o intenso movimento inter-regional de capitais e de mercadorias, proporcionam um denominador comum à crise.

¹⁴ As estatísticas se referem ao período anterior a sua reunificação.

O processo de deterioração financeira e cambial que atingiu esses países no último trimestre de 1997, além das conseqüências de efeito imediato, provocará efeitos que se farão sentir a longo prazo. As relações comerciais foram logo de início afetadas. As empresas ficaram sem o apoio da maioria dos bancos e, por algum tempo, a obtenção de cartas de crédito ficou impraticável.

O caso mais citado é o dos fabricantes de papel da Coréia, dependentes em grandes volumes de celulose importada. Sobrecarregados pelas exigências dos exportadores que, em razão da grande quantidade de falências bancárias naquele país, insistiam em receber adiantado, esses fabricantes ficaram em situação financeira ainda mais delicada. As fábricas que recentemente investiram em máquinas de papel estão em situação mais complicada. É importante lembrar que, entre 1996 e primeiro semestre de 1997, a capacidade instalada de papel na Coréia aumentou em 2,5 milhões de toneladas/ano.

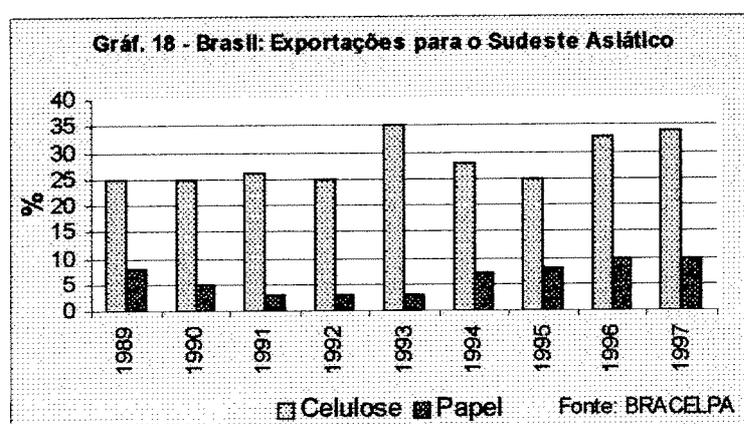
Com a desvalorização de suas moedas, os fabricantes dos países mais atingidos passaram a ofertar seus produtos a preços reduzidos no mercado asiático, além de iniciar oferta em regiões onde tradicionalmente não atuavam. Produtores canadenses e norte-americanos de celulose, que dependiam em grande escala dos mercados asiáticos, viram-se obrigados a colocar suas mercadorias em outras regiões, inclusive o Brasil.

O mercado de celulose foi o que de mais imediato sentiu o impacto da crise asiática. Algumas características especiais dos mercados asiáticos contribuíram para isso: a China tradicionalmente interrompe suas importações ao final de cada ano para só recomear-las após o ano novo lunar (fevereiro), enquanto que a Coréia costuma trabalhar com estoques muito elevados, o que permitiu a interrupção das compras sem afetar, na mesma proporção, a sua produção de papel. Com o excesso de oferta, os

preços de comercialização da celulose de eucalipto na Europa, por exemplo, sofreram uma queda de cerca de US\$ 90/tonelada (cerca de 15%), entre outubro de 1997 e fevereiro de 98.

IX.3) AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CELULOSE E PAPEL PARA O SUDESTE ASIÁTICO:

As exportações brasileiras de celulose, para os países em questão, são significativamente mais relevantes que as de papel: 685 mil toneladas de celulose contra apenas 118 mil toneladas de papel. Até 1992, essas exportações



representavam cerca de 25% do total de celulose exportado, passando para cerca de 30% em 1997. As vendas externas de papel para a região vêm aumentando, passando sua participação relativa de 5% para 10%, entre 1990 e 1997.

As vendas de celulose são concentradas em apenas dois países: Japão e Coréia. No caso do papel, as exportações são fragmentadas, sendo Hong Kong, seguido de Japão e Malásia, os principais destinatários das exportações brasileiras para a região. (ver tabela abaixo)

Tabela 4 - Brasil – Exportações para o Sudeste Asiático - 1996

<i>País</i>	<i>Papel</i>	<i>Celulose</i>
<i>China</i>	3	52
<i>Japão</i>	22	362
<i>Coréia</i>	13	204
<i>Indonésia</i>	1	26
<i>Taiwan</i>	4	9
<i>Hong Kong</i>	49	-
<i>Malásia</i>	15	-
<i>Singapura</i>	10	-
<i>Tailândia</i>	1	32
<i>Total</i>	<i>118</i>	<i>685</i>

Em 1000 t

Fonte: BRACELPA

IX.4) AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CELULOSE E PAPEL

APÓS A CRISE:

Após alguns meses da crise, uma das principais constatações é a de que os volumes de venda da indústria brasileira de celulose e de papel não foram afetados significativamente. Os mercados dos Estados Unidos, Europa Ocidental e América Latina, que absorvem 65% das exportações de celulose e 61% das exportações brasileiras de papel, continuam apresentando uma forte demanda.

As exportações brasileiras de celulose iniciaram o primeiro bimestre de 1998 com volumes 8% superiores aos do mesmo período do ano de 1997. Esse resultado foi devido ao aumento de 22% das exportações para a Europa Ocidental, de 18% para os Estados Unidos e de 38% para o Japão. Por outro lado, houve queda nas exportações para os restantes dos países do Sudeste Asiático, destacando-se a redução de 90% nas exportações para a Indonésia.

Quanto ao desempenho do segmento papelero, por vender relativamente pouco para o Sudeste Asiático, os produtores brasileiros não foram muito atingidos.

Indiretamente, as conseqüências vão, aos poucos, sendo percebidas. Os asiáticos deixaram seus mercados locais para colocar papel na África, na Europa e na Costa do Pacífico na América do Sul, causando reflexo nos preços e, também, no custo das transações comerciais de um modo geral (renegociações, custo de cartas de crédito, aumento de risco etc).

A maior preocupação dos produtores de papéis de imprimir e escrever, mais do que os volumes que possam ser vendidos nesses mercados, são os preços oferecidos pelos produtores asiáticos, que chegam a ser 20% menores que os praticados correntemente.

X) CONCLUSÃO:

O setor de papel e celulose, conforme descrito neste trabalho, possui peculiaridades em relação aos outros segmentos industriais da economia. Ao mesmo tempo em que é afetado por mudanças endógenas na economia, como o aumento de renda das classes mais baixas da sociedade promovido pela implantação do Plano Real, é diretamente influenciado pelas alterações no cenário mundial, como taxas de juros, preços relativos e oferta global.

As empresas, numa tentativa de se prevenir contra choques drásticos em seu mercado, vêm adotando estratégias de fusão e aquisição de outras empresas, para que, simultaneamente, se beneficiem de ganhos de escala e redução de custos operacionais. Além disso, vêm priorizando a produção de produtos diferenciados, tais como papéis especiais, de forma que não dependam exclusivamente da estratégia de redução de preços para aumentar a colocação de seus produtos no mercado.

Com relação à crise asiática, vale destacar a ambiguidade de seus efeitos. A dificuldade financeira vivenciada pela região vem promovendo o adiamento e até o cancelamento de projetos de aumento de capacidade instalada na região. A importância dessas decisões pode ser avaliada pelo fato de que a região contava com cerca da metade dos projetos anunciados em todo o mundo. Assim, diminui-se a possibilidade de aumento de concorrência para os produtos brasileiros.

No entanto, o Sudeste Asiático possui extrema importância no consumo mundial de papel e celulose. Para o Brasil, especificamente, esses países absorvem cerca de 30% do total da celulose exportada pelo país. Dessa forma, com a crise financeira, é de se esperar uma redução nesse montante, o que pode dificultar o cenário do setor para os próximos anos.

XI) APÊNDICE - TABELAS:

Tabela 5 - Produção Brasileira de Papel

Ano	Produção	Exportação	Importação
<i>1987</i>	4712	609	268
<i>1988</i>	4684	1104	191
<i>1989</i>	4871	899	322
<i>1990</i>	4716	957	294
<i>1991</i>	4914	1077	371
<i>1992</i>	4901	1235	282
<i>1993</i>	5311	1224	307
<i>1994</i>	5654	1432	480
<i>1995</i>	5797	1170	806
<i>1996</i>	6176	1234	926
<i>1997</i>	6518	1329	978

em 1000 t

Fonte: ANFPC

Tabela 6 - Produção Brasileira de Celulose

Ano	Produção	Exportação	Importação
<i>1987</i>	4055	906	46
<i>1988</i>	4191	989	56
<i>1989</i>	4348	944	80
<i>1990</i>	4351	1078	74
<i>1991</i>	4778	1402	94
<i>1992</i>	5302	1663	78
<i>1993</i>	5471	2019	125
<i>1994</i>	5828	2038	128
<i>1995</i>	5936	1809	186
<i>1996</i>	6201	2161	221
<i>1997</i>	6331	2384	279

Em 1000 t

Fonte: ABCECEL

Tabela 7 - Produção de Celulose, por tipos

Ano	Produção	Fibra Curta	Fibra Longa
<i>1987</i>	4055	2500	1164
<i>1988</i>	4191	2550	1243
<i>1989</i>	4348	2696	1226
<i>1990</i>	4351	2741	1174
<i>1991</i>	4778	3134	1212
<i>1992</i>	5302	3608	1262
<i>1993</i>	5471	3653	1357
<i>1994</i>	5828	4013	1363
<i>1995</i>	5936	4031	1412
<i>1996</i>	6201	4391	1345
<i>1997</i>	6331	4622	1282

Em 1000 t

Fonte: ABECCEL

Tabela 8 - Exportação de Papel, por tipos

	Imp/Esc	Embalagem	Outros	Total
<i>1990</i>	484	366	107	957
<i>1991</i>	504	443	130	1077
<i>1992</i>	583	458	201	1242
<i>1993</i>	748	391	119	1258
<i>1994</i>	859	399	138	1396
<i>1995</i>	712	306	104	1122
<i>1996</i>	707	324	203	1234
<i>1997</i>	837	286	206	1329

Em 1000 t

Fonte: ANFPC

Tabela 9 - Importação de Papel

	Imprensa	Outros
<i>1990</i>	188	106
<i>1991</i>	211	160
<i>1992</i>	173	109
<i>1993</i>	183	124
<i>1994</i>	319	161
<i>1995</i>	423	383
<i>1996</i>	384	542
<i>1997</i>	471	507

Em 1000 t

Fonte: ANFPC

XII) BIBLIOGRAFIA:

- LEITE, E.T. & MACEDO, A.R.P. – “Celulose e Pastas de Mercado – Perspectivas 1997/2001”
- MACEDO, A.R.P & VALENÇA, A.C. – “A Crise Asiática e o Setor de Celulose e Papel no Brasil” – Março de 1998 – BNDES
- MACEDO, A.R.P; VALENÇA, A.C. & MATTOS, R.L. – “Papel e Celulose – O Impacto do Plano Real” in Informe Setorial nº 11 - BNDES
- MACEDO, A.R.P; VALENÇA, A.C. & MATTOS, R.L.– “Indústria Brasileira de Celulose e Papel: Necessidade de Investimentos” – Maio de 1998 – BNDES
- “Relatório Anual – Associação Brasileira de Celulose e Papel – 1997”, da BRACELPA;
- “Relatório Anual da Gazeta Mercantil”, ano 95/96;
- “Relatório Anual da Gazeta Mercantil”, ano 96/97;
- “Relatório Anual de 1996” da Aracruz Celulose S.A.;
- “Relatório Anual de 1996” da Associação Brasileira dos Exportadores de Celulose (ABECEL);

- “Relatório Anual de 1997” da Aracruz Celulose S.A.;
- “Relatório Estatístico – Associação Brasileira de Celulose e Papel – 1997”, da BRACELPA;
- “Relatório Estatístico - O Setor de Papel e Celulose - 1996”, da ANFPC;
- “Revista “Celulose & Papel”, da BRACELPA nos. 47, 53, 57, 58, 60, 61 e 62;
- “Revista “Maiores e Melhores da Exame - 1995” – Editora Abril;
- “Revista “Maiores e Melhores da Exame - 1996” – Editora Abril;
- “Revista “Maiores e Melhores da Exame - 1997” – Editora Abril;
- “Revista “Maiores e Melhores da Exame - 1998” – Editora Abril;
- “Revista “The AmericaEconomia 500 – Edition 1997/1998” – Dow Jones Publications
- VALENÇA, A.C. & MATTOS, R.L.– “Papéis de Imprimir e Escrever” – Agosto de 1998 - BNDES